



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**MODA, DIABO E MEDO: DEMONIZAÇÃO DA INDUMENTÁRIA FEMININA EM
A PALAVRA (BELÉM, 1922-1930)**

ANTONIO CARLOS JOBIM CARDOSO CARNEIRO

**BELÉM - PA
2026**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA**

ANTONIO CARLOS JOBIM CARDOSO CARNEIRO

Moda, Diabo e Medo: Demonização da indumentária feminina em *A Palavra* (Belém, 1922-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em História,
pela Universidade Federal do Pará.

Data da aprovação: / /

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos
(Orientador)

Prof. Me. Breno dos Santos Santana
(Examinador Externo)

**BELÉM – PA
2026**

Moda, Diabo e Medo: Demonização da indumentária feminina em *A Palavra* (Belém, 1922-1930)

Antonio Carlos Jobim Cardoso Carneiro

RESUMO

O artigo busca interpretar como a Igreja Católica, em Belém do Pará, entre 1922 e 1930, mobilizou a figura do Diabo para construir um discurso de medo em torno das novas modas femininas no contexto das transformações urbanas e culturais da cidade. A partir do cruzamento de fontes, com destaque para o periódico *A Palavra*, o estudo dialoga com a historiografia sobre moda, Igreja e controle moral, propondo compreender as ações eclesiais também como práticas fundamentadas na fé e na crença. Argumenta-se que a associação entre moda feminina e ação demoníaca funcionou tanto como expressão da centralidade do Diabo no imaginário religioso do período quanto como instrumento de controle das mentes e dos comportamentos por meio de uma pedagogia do medo. O texto discute, assim, o conflito moral em torno da moda feminina e a construção desse discurso de demonização.

PALAVRAS-CHAVE:

Moda; Igreja Católica; Medo; Diabo;

RESUMEM

El artículo buscar interpreta cómo la Iglesia Católica, en Belém do Pará, entre 1922 y 1930, movilizó la figura del Diablo para construir un discurso de miedo en torno a las nuevas modas femeninas en el contexto de las transformaciones urbanas y culturales de la ciudad. A partir del cruce de fuentes, con destaque para el periódico *A Palavra*, el estudio dialoga con la historiografía sobre moda, Iglesia y control moral, proponiendo comprender las acciones eclesiales también como prácticas fundamentadas en la fe y la creencia. Se argumenta que la asociación entre la moda femenina y la acción demoníaca funcionó tanto como expresión de la centralidad del Diablo en el imaginario religioso del período como instrumento de control de las mentes y los comportamientos mediante una pedagogía del miedo. El texto analiza, así, el conflicto moral en torno a la moda femenina y la construcción de este discurso de demonización.

PALABRAS CLAVE: Moda; Iglesia Católica; Miedo; Diablo.

SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS.....	5
2. INTRODUÇÃO.....	7
3. MODA E IGREJA.....	8
4. MODA, DIABO E MEDO	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. REFERÊNCIAS	28

AGRADECIMENTOS

Construir um texto para agradecer às inúmeras forças que me ajudaram a finalizar este curso é complexo, em virtude da quantidade de pessoas que percorreram minha trajetória acadêmica, seja contribuindo positiva ou negativamente — o ruim também ensina. No entanto, afastarei destes agradecimentos as presenças do mal e enfocarei a família, o amor, a amizade e a dedicação dos meus mestres ao conhecimento.

Em um primeiro momento, agradeço à minha família por constituir uma base sólida para o prosseguimento desta jornada. Os auxílios financeiros proporcionados por Flodovania (mãe), Heloiza (avó) e Floriano (avô) foram fundamentais para o deslocamento e a permanência na cidade de Belém. Infelizmente, meu avô partiu deste plano terreno antes da conclusão do curso; porém, sigo na crença de que sua essência permanece e permanecerá em meu âmago. Agradeço também à minha irmã, “Iza Brisa”, por me manter informado sobre o que ocorria em nossa casa durante meu período de ausência e pelo incentivo para a finalização desta etapa. Também presto estímulos ao meu tio por seu senso de humor, que buscava mostrar-me como a educação pode modificar vidas; afinal, ele sabe de tudo, pois é “filósofo, sociólogo, psicólogo, astrólogo e mago”. Dedico ainda meus agradecimentos à minha namorada, Daiane, que, ao longo desta jornada, apesar dos ciúmes e das loucuras de “uma noite de verão”, me direcionou apoio, carinho e muito amor para a finalização deste trabalho. Agradeço também a Eloina (tia) e Jorge (tio) por cederem espaço para que eu residisse em vossa casa nos últimos anos da graduação. Sem essa força, não teria sido possível a conclusão do curso.

Tive o exímio privilégio de contar com uma segunda família em solo belenense: estes, sendo meus grandes amigos e amigas, que me fizeram rir, pensar, me entediar e sonhar com possíveis futuros. Nossas idas ao RU, nossos encontros no CAHIS, nossos estudos/fofocas na biblioteca, nossos momentos de “rico” no Ver-o-Pesinho, nossas lamentações no NPI, nossas andanças pela beira do rio, nossas caminhadas até o Portão Três e, claro, nossas longas jornadas nos sucateados ônibus de Belém foram momentos e experiências que jamais esquecerei. Assim, agradeço, em ordem alfabética — para evitar conflitos —, à Bárbara, por sua postura firme na condução de trabalhos e pela produção das mais deliciosas trufas que percorreram as margens do Guamá; ao Erike, por suas teses revolucionárias e discussões sobre Pokémon; à Francilene, pela parceria no Marituba–UFPA, e pela liderança nos trabalhos em grupo; ao lorde Gabriel, por sempre ouvir com resiliência minhas elucubrações no mirante; ao mestre Igor, por suas aulas sobre Marx e pelas tentativas de me explicar o mundo do futebol; ao mestre Jarlinho, pela

inspiração de sua trajetória e por sempre me maravilhar com suas poesias geniais; ao Manoel, pelos mais icônicos momentos de riso, por sua humildade e gentileza; ao Thiago, ou “Regatinha”, por ser um amigo leal e companheiro em todos os momentos, até mesmo nas incertezas de Viseu; e à Vitória, a primeira pessoa que me auxiliou em Belém, ainda em 2020, orientando-me, explicando-me e aconselhando-me sobre o mundo.

Agradeço àqueles que gentilmente me agradeceram e encantaram com seu conhecimento. Em primeiro lugar, meu querido orientador, professor Ipojuca Campos, que confiou dois anos de bolsa de Iniciação Científica, da qual esta pesquisa foi derivada. Agradeço por sua paciência, disponibilidade e por suas orientações, que sempre estimularam maior autonomia interpretativa. Agradeço também aos docentes Alan Dias, Cristina Cancela, Décio Guzman, Erinaldo Cavalcanti, Franciane Lacerda, José Alves de Souza Junior, Lívia Maia, Raimundo Diniz e ao saudoso professor Paulo Watrin, por suas contribuições intelectuais e inspirações em minha formação como pesquisador e docente. Também agradeço aos meus colegas da turma de Licenciatura em História de 2020 pelas discussões realizadas em sala, pela força compartilhada entre todos e todas no decorrer da pandemia, pelas alegrias, pelas frustrações e por todo o conhecimento que acumulei ao longo da convivência com vocês.

Por fim, redijo este último trecho de agradecimento a mim mesmo, pois finalizar um curso de graduação, tendo origem em uma família simples, do interior e com finanças limitadas, é um mérito a ser celebrado. Assim, agradeço a mim por ter perseverado, sem reprovações e com dedicação, nas aulas remotas durante a pandemia e ao longo do curso presencial; por ter tido a coragem de sair da minha querida terra e me aventurar na capital desconhecida; por ter suportado a fome quando o saldo estava negativo; por ter enfrentado os dias de calor escaldante e as intensas chuvas do amado inverno amazônico; por ter encontrado forças para suportar as longas horas que passei sentado ou em pé no trajeto Marituba–UFPA; por ter suportado os abusos de cobradores de van e motoristas de ônibus que não compreendem a função da carteira estudantil intermunicipal; por ter resistido às incursões fantasmagóricas vivenciadas naquela residência; por ter me dedicado ao máximo na elaboração dos meus trabalhos escritos e seminários; por ter economizado as parcas mensalidades do PIBIC para montar uma biblioteca; e, por fim, por ter continuado a acreditar que a educação transforma o ser humano.

INTRODUÇÃO

“As circunstancias porém lhe foram mudando o teor de vida: empolgou a o turbilhão mundano matando nella progressivamente a idéa da presença de Deus: diminuindo o fervor, o vestido, as saias, diminuiu a pratica da oração e dos sacramentos e consequentemente o poder de reacção contra tentações e perigos. Abriu assim, imprudente, as portas da cidadella à invasão inimiga;”¹

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Belém do Pará passou por significativas transformações em seus espaços urbanos, costumes e práticas sociais, decorrentes do processo de modernização associado ao período da Belle Époque. Esse contexto amplo de circulação de ideias, comportamentos e sensibilidades incidiram diretamente sobre a vida cotidiana da população. Um dos elementos centrais desse cenário foi a introdução de novas modas, sobretudo femininas, caracterizadas pela redução do volume dos tecidos – expondo partes do corpo anteriormente cobertas -, bem como pela adoção de maquiagem e de novos cortes e penteados de cabelo. Tais mudanças romperam com padrões e códigos morais conservadores, suscitando tensões na esfera eclesiástica, cuja resposta foi a adoção de estratégias com o objetivo de preservar o controle sobre os costumes culturais.

Dito isso, a problemática abordada consiste em interpretar como a Igreja Católica utilizou a figura do Diabo na construção de um discurso de medo em torno das modas femininas, associando seu uso a intervenções demoníacas sobre a mente e o corpo das mulheres. O recorte espacial é a cidade de Belém do Pará, enquanto a delimitação temporal compreende o período de 1922 a 1930, justificado pela promulgação de encíclicas que versam sobre a moda, neste caso, *Ubi Arcano Dei Consilio* (1922) e *Casti Connubii* (1930), fundamentais para compreender os valores de pureza, castidade e modéstia femininas do período, bem como as críticas às novas vestimentas. O principal corpo documental analisado é o periódico católico *A Palavra*, disponível no acervo do CENTUR (Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves), no setor de jornais antigos, enquanto que a metodologia utilizada é o cruzamento de fontes.

Embora a historiografia já tenha discutido a moda feminina a partir das noções de controle dos corpos e regulação moral, este trabalho, fruto da Iniciação Científica, dialoga com esses aportes para propor outro eixo analítico, compreendendo as ações católicas também como práticas fundamentadas na fé e na crença. Considerar a presença simbólica de figuras centrais do imaginário teológico católico — Deus e o Diabo — torna-se, assim, fundamental para perceber a lógica interna desses discursos e suas repercussões sociais. Nesse sentido, decorrem

¹ *A Palavra. A Filha de Maria Moderna*. 20 de setembro de 1925, p.01.

da associação da moda feminina ao Diabo dois fatores: a presença intensa da figura diabólica na experiência social e religiosa do período, desencadeando medidas profiláticas para a proteção espiritual dos sujeitos; e um instrumento de controle das mentes e dos corpos, a partir de uma pedagogia do medo centrada na busca pela permanência da hegemonia cultural e moral.

Este texto está dividido em duas partes: na primeira, discute-se a relação entre moda feminina e a atuação da Igreja em Belém do Pará, evidenciando a atmosfera de conflito moral presente na cidade; na segunda, analisa-se o discurso de medo engendrado pela Igreja a partir da figura do Diabo e sua associação direta com a moda feminina.

MODA E IGREJA EM BELÉM

Em obra magistral sobre a moda, Gilles Lipovetsky a definiu como “(...) instituição excepcional, altamente problemática, uma realidade sócio-histórica característica do Ocidente e da própria modernidade”.² Pensar a moda, portanto, revela-se tarefa complexa, uma vez que suas transformações ao longo da história estiveram associadas às distinções de classe social, às dinâmicas de consumo e à valorização da aparência. Esses elementos integraram um amplo panorama de mudanças econômicas, sociais e culturais verificadas entre o final do século XIX e o início do XX, período marcado pela intensificação da urbanização, pela expansão industrial e pela reorganização dos espaços públicos. Nesse contexto, a moda ultrapassou o âmbito das vestimentas, incorporando costumes, práticas sociais e transformações urbanísticas, de modo que sua dimensão simbólica e material passou a se articular ao desejo humano e às novas formas de viver nas cidades modernas.

É nesse cenário de ampliação do universo da moda que o surgimento de lojas especializadas em artigos de beleza — como cosméticos, indumentária e cuidados capilares — assumiram relevância não apenas como resposta ao aumento do consumo, mas como expressão das novas lógicas simbólicas que estruturavam a sociedade urbana. A busca da elite por referências estéticas inspiradas na elegância francesa revela a centralidade da moda como mecanismo de distinção social e como estratégia de legitimação cultural. Como observam Braga e Prado, a posição de Paris como referência mundial não se limitava à produção de tendências, mas operava como dispositivo de irradiação de valores, comportamentos e

² LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: A moda e seu desafio nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.11.

idealizações ligados ao imaginário moderno.³ Nesse sentido, quando essas tendências alcançavam o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, sua difusão por meio da propaganda e dos circuitos comerciais não apenas disseminava novos padrões estéticos, mas também moldava práticas sociais, reforçava hierarquias simbólicas e contribuía para a consolidação de uma cultura de consumo alinhada aos centros europeus.

Esse fenômeno, presente nas grandes capitais do mundo, refletiu-se também nas cidades brasileiras, como Belém, onde a moda tornou-se expressão de poder e distinção social. A intensa mobilização econômica na capital belenense contribuiu para a consolidação de locais que, restritos ao desfrute das elites, simbolizavam esteios singulares na nova ordem capitalista e consumista da cidade. Domínio da moda e consumo em Belém nos primeiros anos do século XX, a Rua João Alfredo emergiu como um espaço para a elite exibir sua riqueza e poder, abrigando diversos *magazines* destinados à comercialização de vestimentas, perfumes, sapatos e acessórios para o corpo. Fernando Hage descreve esse pedaço burguês da urbe:

Ao andar pela Rua João Alfredo no despertar do século XX, clientes deparavam-se com lojas como A Formosa Paraense, inaugurada em 1864, e outras, como o Bazar Parisiense, Leão do Norte ou Lovre. Bem no começo da Rua Santo Antônio, ergueu-se imponente a loja Paris N'América.⁴

Entre as diversas casas comerciais que conferiam prestígio à Rua João Alfredo, sobressaía a luxuosa Paris N'América, símbolo flamejante do consumo e difusão de tendências francesas na capital paraense por parte das camadas mais abastadas. O local, tido como “um pedaço da Europa em terras tropicais”,⁵ representava o poder da moda no século XX, além de pregar a modernidade tecnológica e arquitetônica para a sociedade paraense da época. Frequentar esse espaço denotava poder aquisitivo e status social, consolidando-o como um importante local de sociabilidade, onde as mulheres da elite consumiam, exibiam e compartilhavam as últimas tendências da moda francesa.

A difusão da moda em Belém não se restringia à Paris N' América; diversas *magasins de nouveautés* também marcaram presença na capital paraense, entre elas o Bom Marché, Nova Esmeralda, Grandes Armazéns Leão da América, Casa Africana, Loja Brazil, Grandes Armazéns do Globo, Casa Engelhard, A Brasileira, Armazéns Novo Mundo, Casa Guerra,

³ BRAGA, João; PRADO, Luís André do. **História da moda no Brasil**: das influências às autorreferências. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

⁴ HAGE, Fernando. Vestuário e história pelas ruas de Belém. **dObra [s]—revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 6, n. 13, p. 94-102, 2013

⁵ NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. Paris N'América: migração da moda em Belém do Pará. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 16, n. 2, p.396-417, jul. /dez. 2020.

Mariposa, Loja Boa Fama. A atuação dessas casas comerciais não se limitava ao espaço físico, pois a publicização dos novos hábitos de vestir-se ocupava lugar de destaque nos jornais da época, como se pode verificar na propaganda da casa de roupas Nova Esmeralda:

Exc. Deseja ter a primasia em traje nos bailes do Palace Theatre, Assembléa, Sport-Club e demais festas chics de Belem? Não perca tempo, pois a NOVA ESMERALDA acaba de receber directamente de Paris invejavel collecção de sêdas em lindíssimas cores.⁶

O hábito de ostentar vestimentas adquiridas em lojas de luxo integrava o sofisticado jogo social então praticado pelas mulheres da elite. O palco principal para a exibição dos corpos adornados pelas novas modas eram os eventos realizados em teatros e clubes renomados, como o Grêmio Recreativo Português, o Clube do Remo, o Clube Internacional e a Assembleia Paraense.⁷ Esses espaços exigiam etiqueta específica, incluindo o uso de roupas mais leves e maleáveis, que facilitavam a prática das danças — um fenômeno simultaneamente de divertimento e de preocupação naquele tempo. Nesses locais, também se apresentavam as novidades da moda parisiense, como uma vitrine a ser visualizada e cobiçada pelas mulheres e homens do período.

Nesse cenário, as diversas manifestações da moda, seja em lojas ou eventos sociais, evidenciaram a força da modernidade e as mudanças nos padrões de consumo da capital. As novas indumentárias francesas ganhavam, a cada dia, mais adeptas, e a publicização sobre sua diversidade de produtos ficava a cargo de diversos meios — cinemas, jornais, festas e vitrines —, consolidando uma nova forma de vestir e, conseqüentemente, reordenando hábitos culturais, especialmente entre as mulheres. Foi nesse contexto de metamorfose dos costumes que forças institucionais da Igreja travaram uma batalha pela moralidade na cidade moderna, valendo-se de argumentos que buscavam regular a exposição dos corpos e conter a disseminação das “frivolidades femininas”.⁸

Para cumprir essa missão moralizadora, somaram-se vozes diversas — tanto leigas quanto eclesiásticas — que, ao longo das edições do periódico *A Palavra*, alertavam para os perigos das modas emergentes. Essa atuação correspondia ao que Oscar Figueiredo Lustosa compreendia como a “boa imprensa católica”, formulada ainda no século XIX, cujo objetivo

⁶ *Folha do Norte. Sedas! Sedas!*. 26 de janeiro de 1928, p.05.

⁷ MARTINS JUNIOR, R. J. M. **Visto, logo existo:** moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX. Belém, PA. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. p.69.

⁸ *A Palavra. Frivolidades Femininas*. 13 de abril de 1924, p.01.

consistia em difundir a fé por meio de periódicos comprometidos com os ideais e valores cristãos, bem como advertir a população acerca de práticas e condutas consideradas desviantes dos preceitos estabelecidos pela Igreja.⁹ Nesse contexto, difundiram-se matérias em distintos jornais religiosos que se posicionavam contra as modas, o cinema, a literatura, as danças, o comunismo, a laicização do ensino, o divórcio, os maçons, os espíritas, os ateus e outras figuras ou atitudes que contrariavam o Clero.

A perspectiva tradicionalista — isto é, o pensamento conservador relativo aos costumes sociais e à cultura política —, conforme aponta Ana Maria Moog, tornou-se a ideologia predominante na formação dessa imprensa católica.¹⁰ Entre as pautas morais defendidas, aquelas referentes à figura feminina e ao seu comportamento assumiram centralidade no debate. Observou-se uma intensa campanha contra a salacidade, a corrupção do corpo, a imodéstia nas palavras e nos atos, e contra os pensamentos considerados vis. Simultaneamente, exaltavam-se como atributos essenciais de uma “boa mulher” a honra da castidade, a pureza, o comedimento, o respeito e a atitude servil diante do irmão, do pai e do marido.

À frente da redação do jornal *A Palavra* estava o padre francês Florencio Dubois, da Ordem dos Barnabitas, figura de destaque no cenário eclesiástico paraense. Ele exercia forte influência não apenas em periódicos católicos, mas também em importantes veículos como a *Folha do Norte* e o *Estado do Pará*. Reconhecido como excelente escritor e intelectual, discutia com notável facilidade e profundidade diversos temas em evidência na sociedade da época. Seus textos permeavam discursos políticos e moralizadores, tornando-se alvo de inúmeras polêmicas ao longo dos anos de publicação. Sua atuação fortaleceu significativamente a imprensa católica na região, articulando a defesa de dogmas tradicionais e exercendo crítica incisiva às transformações modernas que se impunham no mundo.¹¹

Um exemplo de sua ação contra as modas encontra-se em um artigo publicado no periódico. Nele, o padre Dubois, ao tomar conhecimento de uma passeata organizada por uma sufragista norte-americana contra “grosseirões que encalçam na rua as filhas de Eva, afim de lhes dirigir alguma graçola” adverte que as responsáveis pelos assédios seriam as próprias mulheres. Segundo o sacerdote, essas “irmãs nossas vestem como se realmente, desejassem provocar uma serie de dichotes”, e, portanto, “não podem exigir respeito as moças que ao

⁹ Ibidem, p. 11.

¹⁰ RODRIGUES, Ana Maria Moog. “Introdução”. In: **A Igreja na República**. Brasília: UnB: Câmara dos Deputados, 1981.p.06.

¹¹ GOUDINHO, Liliane. **A Palavra que vivifica e salva contra a o mal da palavra que mata: imprensa católica-Belém (1910-1930)**. PUC/São Paulo 2014.

respeito não se dão”. A ideia de que as roupas facilitariam o acesso ao corpo feminino — compreendido como vetor de tentação — é recorrente nas fontes, como será discutido mais adiante. No momento, contudo, importa observar, no discurso, como a moda fazia parte do cotidiano da população, conforme assevera o padre: “Quantas vezes não vimos, no commercio, senhoritas offerecerem á caixeirada a visão do proprio corpo, já pela escassez da roupa que as desnuda, já pelo menelo imprimido ás ancas”.¹²

Para além dos membros do Clero local, o periódico também contou com a colaboração de articulistas imbuídos da missão moralizante, dedicados a alertar a comunidade católica sobre os perigos que a moda poderia trazer para suas vidas, tanto no âmbito material quanto no espiritual. Exemplo singular é o texto de Amélia de Rezende Martins, publicado em 4 de janeiro de 1923, no jornal *A Palavra*. Trata-se de um discurso proferido por ela na ocasião do Congresso Eucarístico do Centenário, intitulado “*A Moda*”, no qual expõe suas preocupações a respeito do mundo moderno, afirmando que existe uma “Guerra do Mal” em que a moda seria “a chave de todos os problemas, o eixo sobre o qual giram todos os erros”. Segundo sua percepção, tais sintomas “minam a família e corróem a sociedade”, pois a moda “vae destruindo os laços recíprocos, que formavam o alicerce da família”. Para Amélia, as vestimentas possuem uma característica quase sobrenatural, capaz de criar, na mente das desavisadas, bases sólidas para se estabelecer e manipular. Assim, “vae ella seduzindo, empolgando a uns, escandalizando a outros, mas sempre soberana impondo a sua tyrannia”.¹³ A construção da moda enquanto força que espraia-se sobre a sociedade, vai ao encontro da ideia de batalha moral e espiritual travada pelos defensores dos bons costumes, pois, em suas acepções, é dever que os bons cristãos “alistae-vos nessa Cruzada, expediente e salutar que nos deve salvar”.¹⁴

A Cruzada espiritual defendida por Amélia localiza-se nas visões construídas pelo próprio Vaticano, em especial, por Pio XI, que compreende a moda enquanto um dos males da sociedade. Essa ameaça a dignidade feminina pode ser percebida na carta encíclica *Urbi Arcano Dei Consilio*, publicada no dia 23 de dezembro de 1922, onde o santo padre alerta sobre “enfermidades da sociedade e da família” que vão contaminando e minando a moral e o espírito. Sendo as “vestimentas” a responsável pela “frivolidade da mulher e da jovem” nos novos

¹² *A Palavra*. *A modéstia na rua*. 12 de julho de 1925, p.01.

¹³ *A Palavra*. *A Moda*. 04 de janeiro de 1923, p.03

¹⁴ *A Palavra*. *A Moda*. 11 de janeiro de 1923, p.03.

tempos modernos, e essa prática está ultrapassando o “limite do pudor”, produzindo na mente da mulher o desejo pelo “excessivo luxo”.¹⁵

Assim, a condenação as novas modas era tarefa imperiosa para a Igreja, o modo escandaloso no qual as fiéis se apresentavam cada vez mais nos espaços públicos e religiosos, trajadas com vestidos curtos, exibindo os cotovelos e partes dos ombros, efetivou uma resposta firme das autoridades eclesiásticas. É nesse contexto, que o órgão oficial do Vaticano publicou um aviso cujo título é “Excessos da Moda” repercutido no periódico *A Palavra*. O texto dizia o seguinte:

A mulher não deve entrar na Casa de Deus senão com vestidos afogados, modesto e decente, para que não offenda a santidade dos templos sagrados. Deante do vestuário decotado das mulheres, os padres deverão avisar aos fieis que taes senhoras que ousam entrar no templo sagrado com decotes, mangas curtas, etc, poderão ser convidadas a sair da egreja.¹⁶

Apesar das solenes advertências emanadas das altas esferas eclesiásticas, a penetração das novas tendências nos ambientes religiosos intensificou-se progressivamente, como atesta a paradigmática matéria intitulada “Contra a Immodestia”, na qual o articulista expunha um chamado as “senhoras de aprumo moral” a lançarem uma “boa guerra” contra mulheres que adentram nos templos utilizando as modas imorais. De acordo com ele “as vozes autorizadas da egreja” erguem-se para combater esse mal, sendo a principal o Papa, que “faz um apelo às senhoras catholicas” e convida que recitem uma oração, seguido de “300 dias de indulgência”.¹⁷

A circulação de orientações vaticanas em Belém, divulgadas por meio do periódico *A Palavra*, evidencia não apenas o alinhamento dos articulistas às diretrizes da Igreja Católica no que se refere à modernização do vestuário, mas também a atuação da instituição como agente ativo na normatização dos comportamentos sociais. No contexto local, essas matérias funcionavam como alertas dirigidos à comunidade religiosa, que deveria adotar medidas para se proteger dos chamados “excessos da moda”. Diante desse cenário, a missão de estabelecer limites para o uso das vestimentas era delegada aos sacerdotes, enquanto às mulheres verdadeiramente cristãs cabia a tarefa de compor um verdadeiro “exército moral”, no sentido simbólico atribuído pela própria retórica eclesiástica, atuando como vigilantes permanentes dos

¹⁵ PIO XI, Carta Encíclica. *Ubi Arcano Dei Consilio*. 1922.

¹⁶ *A Palavra*. *Excessos da moda*. 3 de setembro de 1925, p 01.

¹⁷ *A Palavra*. *Contra a Immodestia*, 8 de janeiro de 1925, p.01

corpos e dos costumes. Desse modo, delineia-se um panorama no qual a voz da Igreja Católica assumia o papel de reguladora dos comportamentos sociais, valendo-se de discursos normativos e estratégias de persuasão moral.

Sob essa perspectiva, corrobora-se a análise realizada por Diocleciana Paula da Silva acerca da moda parisiense e do conflito moralizador travado com a Igreja na Fortaleza dos anos 1920. A autora destaca as estratégias empregadas pela instituição eclesiástica no que dizia respeito ao uso das vestimentas, ressaltando o caráter agressivo de sua atuação, sobretudo em relação aos modismos femininos. Segundo Silva, foi engendrada uma ampla campanha moralizadora por meio de jornais, sermões e práticas disciplinares, nas quais a censura pública e a negação de sacramentos integravam o combate à moralidade considerada desviada.¹⁸ Em diálogo com essa análise, Rui Jorge Moraes Martins, em estudo singular sobre a moda em Belém, evidencia que a Igreja local também a compreendia como um adversário a ser enfrentado, uma vez que a hierarquia eclesiástica a percebia como afronta aos valores cristãos e ameaça à ordem social tradicional.¹⁹ Embora analisando contextos distintos, ambos os autores convergem ao demonstrar que a moda constituiu um campo privilegiado de disputa moral, ainda que, em Belém, tal enfrentamento tenha assumido contornos mais mediadores do que exclusivamente repressivos, ao incluir estratégias voltadas à evangelização católica das famílias belenenses.

Dessa perspectiva, conclui-se que, à medida em que a moda era interpretada como uma perversão da modernidade — ou mesmo como “obra do diabo”, conforme a retórica religiosa analisada —, ela passou a ser instrumentalizada para o fortalecimento do discurso eclesiástico perante a sociedade. Ao se afirmar como a única guardiã capaz de conter incursões consideradas destruidoras da vida cristã, do casamento e da família, a Igreja ampliou o alcance de sua autoridade moral e simbólica. Seus discursos, portanto, ultrapassaram a esfera material do vestuário, incorporando dimensões espirituais e doutrinárias da religião. Assim, aquilo que antes era compreendido como um simples capricho associado à futilidade feminina foi ressignificado como manifestação do mal, legitimando práticas de controle dos corpos e das

¹⁸ SILVA, Diocleciana Paula da. **Do recato à moda: Moral e transgressão na Fortaleza dos anos 1920**. 2004. 242f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2004, p.61.

¹⁹ MARTINS JUNIOR, R. J. M. **Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX**. Belém, PA. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. p.69.

consciências como parte de um projeto mais amplo de resistência católica à modernidade e de preservação da ordem social cristã.

MODA, DIABO E MEDO

Ao longo da história do cristianismo, diferentes personagens se destacaram por suas participações no plano divino. Entre eles, porém, uma figura assumiu posição singular por ter se rebelado e enfrentado o próprio Criador. Seus muitos nomes refletem tanto as funções que lhe foram atribuídas — tentador, caluniador e mentiroso — quanto a condição de símbolo máximo do castigo e da condenação, consolidada em denominações como Satã, Diabo, Belzebu e Lúcifer. A origem dessa figura é remota, datando de três mil anos, nas regiões desérticas do Oriente Médio, onde seu nome começa a aparecer nas primeiras narrativas judaico-cristãs do Velho Testamento.²⁰

Sua principal função, como afirma José Fernandes, é induzir o ser humano à perdição, à desobediência, transformando-o em leal servo do pecado e, por consequência, garantindo a condenação do espírito.²¹ Nessa seara, sua existência é, portanto, condição *sine qua non* para o funcionamento do cristianismo, pois é ele o responsável pelas tentações e provas que os filhos de Deus devem enfrentar, como nos exemplos bíblicos de Jó, do rei Davi e de Jesus de Nazaré.²² Outro aspecto elementar de sua existência é o fato de ser o guardião e administrador dos antros infernais destinados aos adoradores do pecado. Essas características, assumidas no decorrer da história, tornam-se o símbolo incontestável de suas ações sobre o mundo humano, consolidando sua posição como auxiliar e antagonista da criação de Deus.

As armações do Diabo e de sua estirpe manifestam-se de variadas formas para seduzir os seres humanos à prática da corrupção material e imaterial, sendo reconhecidas pela Igreja

²⁰ PAIVA, Luiz Henrique Rodrigues. **Possessão e Exorcismo**: os múltiplos aspectos de um fenômeno. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica do Pernambuco, Recife, 2015.p, 92.

²¹ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. As marionetes do diabo: as representações de satã no corpo na Idade Moderna. XIII Encontro Estadual de História do Ceará, 2012. Sobral. **Anais do XIII Encontro Estadual de História do Ceará**, 2012. v. 1. p. 1-12.

²² Casos paradigmáticos de tentação podem ser conferidos nas narrativas bíblicas, como quando Satanás sugeriu a Deus que a fidelidade de Jó ocorria em função das bênçãos materiais e das proteções que recebia, colocando Jó à prova ao retirar todas as benesses (Jó 1:9–12; Jó 2:1–6). O rei Davi fora tentado por Satã a realizar um censo em Israel, contrariando a vontade de Deus, que puniu a região com três dias de praga, matando setenta mil homens (2 Samuel 24:1–15; 1 Crônicas 21:1–14). Jesus de Nazaré, após seu batismo, fora tentado no deserto da Judeia por quarenta dias e quarenta noites (Mateus 4:1–11; Marcos 1:12–13; Lucas 4:1–13).

Católica suas artimanhas sobre as mentes fracas. Como afirma São Tomás de Aquino: “A fé verdadeiramente católica determina que os demônios existem e que podem causar dano mediante suas operações”.²³ Assim, não causa estranheza que periódicos católicos alertassem a comunidade acerca dos planos maléficos engendrados pelo inimigo da moral, sendo *A Palavra* e seus articulistas instrumentos e combatentes nessa guerra pela salvação almas

Um exemplo de reconhecimento das ações do Diabo encontra-se na publicação cujo título é ‘Moda’. Nela, o articulista expõe, com veemência, o “plano diabólico” que vem sendo executado nos últimos tempos, o qual mira “senhoras, moças, meninas e até crianças”, causando um “danno incalculavel” nas suas almas e na honra de suas famílias. Para ele, existe um plano intrinsicamente organizado pelas forças do mal, cuja ferramenta de articulação para o seu desenvolvimento são as “modas immorales”. Tal esquema tem como objetivo “dar cabo da Religião Catholica por meio da corrupção dos costumes”.²⁴ O texto também aponta que essas influências recaem principalmente “entre os povos de origem latina”, considerados mais propensos a tornarem-se “cégos voluntários”.

Na sequência, informa-se que os membros da imprensa católica de Belém apresentavam-se unidos e “dispostos a sustentar esta afirmação com argumentos irrespondíveis”. Esse posicionamento evidencia a preocupação dos setores católicos diante das novas modas, entendidas como manifestações de forças ocultas empenhadas em “espalhar a corrupção”. Para reforçar essa interpretação, o articulista recorre ao jornal francês *La Croix*, importante porta-voz do catolicismo internacional, citando um trecho no qual um dos responsáveis por esse “programma diabolico das lojas” descreve, em detalhes, as ações que estariam sendo articuladas.

O trabalho que queremos realizar não é obra de um dia, nem de mez, nem de um anno; pode durar muitos anos, talvez um seculo; mas em nossas fileiras o soldado morre e o combatente continua. Popularizamos o vicio nas mulheres...Façamos lh'o respirar pelos cinco sentidos, bebam-no, fartem-se dele. Tornae os corações viciosos, e já não haverá catholicos. Levar um dia a Egreja Catholica ao sepulcro.²⁵

²³ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.52.

²⁴ *A Palavra. Moda*. 14 de julho de 1927. p.01.

²⁵ *A Palavra. Moda*. 14 de julho de 1927. p.01.

O excerto reproduzido anteriormente intensifica o tom alarmista e evidencia a gravidade atribuída ao suposto complô moral. Nele, afirma-se que o “trabalho” em curso não seria obra de um dia, de um mês ou de um ano, mas um empreendimento de longa duração, capaz de atravessar gerações, pois “o soldado morre e o combatente continua”. A estratégia descrita consistiria em popularizar o vício entre as mulheres, levando-as a “respirarem-no pelos cinco sentidos”, até dele se “fartarem”. Uma vez corrompidos os corações, sustenta-se que “já não haverá católicos”. O objetivo final, declarado sem subterfúgios, seria “levar um dia a Igreja Católica ao sepulcro”.

Portanto, a Igreja interpretava a moda como parte do próprio Diabo — uma extensão de suas tentações, materializada em artifícios que ampliavam seu arsenal na guerra pelo domínio espiritual. Tal compreensão articula-se com as representações tradicionais do adversário no imaginário cristão, entendido como capaz de vagar pelo mundo urdindo meios de desviar os seres humanos do bem e conduzi-los à volúpia terrena.²⁶ No episódio citado, o estratagema descrito buscava minar os padrões de pudor e castidade, abrindo brechas para alcançar especialmente o universo feminino. Uma vez seduzida e corrompida, essa esfera, segundo a narrativa da época, influenciaria diretamente a própria instituição católica, pois, como conclui a matéria, “o melhor punhal para ferir de morte a Igreja é a corrupção”.²⁷

A figura feminina, diante do agente corruptor, ocupava posição central na execução de seu plano, uma vez que sua suposta fragilidade diante das tentações possuía uma linhagem histórica que remonta à própria origem do mundo. No livro do *Gênesis*, capítulo três, narra-se a primeira tentação orquestrada por Satã. Ao assumir a forma de serpente e percorrer o jardim celeste, ele induz a primeira mulher a comer o fruto proibido do conhecimento. Esse episódio estrutura, ao longo da tradição cristã, a forma pela qual as mulheres seriam percebidas: como seres espiritualmente frágeis, mais suscetíveis à queda e, portanto, inclinadas a necessitar de vigilância e tutela moral.

Essa representação feminina reaparece com frequência nos discursos sobre moda veiculados pelo periódico *A Palavra*, que entendia o vestuário como elemento integrante de um plano diabólico, tendo como principais vítimas as chamadas “filhas de Maria moderna”.²⁸ Em crítica ao suposto excesso das indumentárias contemporâneas, um articulista lamenta a adesão

²⁶ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.67.

²⁷ *A Palavra. Moda*. 14 de julho de 1927. p.01.

²⁸ *A Palavra. A filha de Maria Moderna*. 20 de setembro de 1925. p.01.

feminina àquilo que denomina “these da transparencia de corpos”, interpretando tal comportamento como resultado da ação do “raio fulminante da moda”, que as transformaria, em suas palavras, em “escravas da Senhora Moda”.²⁹ A crítica fundamenta-se na ideia de que a mulher seria mais vulnerável ao apelo sensual das novas tendências, o que reforça a associação entre feminilidade, tentação e desvio moral.

Outro articulista aprofunda essa visão ao denunciar o que considera a atuação do demônio nos “últimos tempos”, nos quais o pudor teria sido derrotado e o “despimento” se tornara vitorioso. Para ele, essa “moderna elegância” produziria “estragos” na constituição moral da feminilidade. Em sua conclusão, afirma que as mulheres seriam manipuladas por forças extraterrenas, tornando-se, “nas unhas da moda”, meras “bonecas”. Tal formulação evidencia a percepção da moda como mecanismo de dominação espiritual e moral, particularmente eficaz sobre o universo feminino, considerado mais propenso à influência de agentes corruptores.

A concepção da mulher como alvo privilegiado das forças corruptoras encontra respaldo direto nas matérias do periódico, convergindo com a análise de Carlos Nogueira sobre o imaginário cristão. De acordo com o autor, a mulher seria, por excelência, a vítima preferencial do Diabo em virtude de seu vínculo ancestral com Eva, o que a configuraria como um ser predisposto ao erro e particularmente vulnerável às tentações.³⁰ Essa interpretação, historicamente sedimentada, também é reiterada pela tradição teológica cristã. Nesse sentido, São Tomás de Aquino afirma: “A mulher tem necessidade do macho não só para gerar, como entre os animais, mas até mesmo para governar-se, pois o macho é mais perfeito por sua razão e mais forte por sua virtude”.³¹ Tal formulação reforça uma compreensão hierárquica das relações de gênero, na qual o homem é apresentado como referência racional e moral, enquanto a mulher é posicionada como ser deficitário, espiritualmente frágil e sujeito à tutela masculina.

No contexto brasileiro, análises como as de Riolando Azzi evidenciam a persistência dessa interpretação nas primeiras décadas do século XX. Em seu estudo sobre mulher, sexualidade e Igreja Católica na década de 1930, o autor aponta que a mulher era frequentemente retratada como pouco reflexiva, facilmente atraída por aspectos artificiais da

²⁹ *A Palavra. Seção Feminina: A Moda*. 17 de março de 1924, p.01.

³⁰ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.42.

³¹ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800 uma cidade citiada**. Tradução: Maria Lúcia Machado, - São Paulo: Cia das letras, 1989. p.317.

vida e, por essa razão, dependente de uma orientação masculina constante para evitar influências externas consideradas nocivas.³² Essa leitura dialoga diretamente com os discursos veiculados pelo periódico *A Palavra*, nos quais a moda é concebida como instrumento de ação diabólica, ao passo que a mulher figura como seu principal ponto de vulnerabilidade espiritual. Consolida-se, assim, um imaginário no qual feminilidade, tentação e risco moral se entrelaçam, reafirmando uma construção histórica que posiciona a mulher como elo mais frágil diante das forças do mal.

A tentação exercida pelo Diabo, contudo, não recaía apenas sobre a mulher, mas também sobre a mente masculina. O diferencial residia no teor da sedução, evocada à semelhança do episódio bíblico de Adão nos primórdios do mundo. Nesse sentido, não era incomum localizar matérias que abordavam as tentações despertadas pelo corpo feminino sobre os homens, sendo a moda apresentada como o elemento que potencializava tal volúpia. Um exemplo elucidativo encontra-se na matéria intitulada “A tentação”, na qual o articulista Manoel Buarque descreve a conjuntura social vivenciada pelos homens da época. Em suas palavras: “Jesus foi tentado no deserto; e nós selo-hemos em todos os lugares onde nos achamos”. Na sequência, o autor aconselha os homens a recorrerem ao auxílio da mãe de Jesus, afirmando que apenas “invocando-se o nome de Maria que esmagou a cabeça da serpente infernal, resistiremos a Satanaz”.³³

A imagem de Maria de Nazaré surge, assim, de forma recorrente nas matérias do periódico, sendo mobilizada como referência normativa para o comportamento feminino. A virtude da pureza era apresentada como elemento formador social e moral indispensável às moças, funcionando como parâmetro de conduta ideal. Nessa perspectiva, conforme assinala Silvana Mota Ribeiro, o cristianismo oferece às mulheres modelos específicos de representação, os quais tendem a ser aceitos passivamente como naturais, e não como construções históricas e sociais. Observa-se, desse modo, uma transposição de categorias teológicas para o campo social, na qual a mulher é simultaneamente associada a Eva — figura da perdição e da desobediência — e convocada a encarnar Maria, símbolo de redenção, submissão e obediência.

34

³² AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil. MARCÍLIO, Maria L. **Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil**. SP: Edições Loyola, 1993. p.113.

³³ *A Palavra*. A tentação. 27 de novembro de 1924. p.01.

³⁴ RIBEIRO, Silvana M. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. In: IV Congresso Português de Sociologia, 4, 2000. Coimbra-Portugal. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000. p.03.

O tema da tentação corporal também se faz presente no artigo publicado em 13 de agosto de 1925 pelo redator-chefe de *A Palavra*, padre Florêncio Dubois. Nesse texto, o autor reforça a retórica condenatória em relação à moda e ao corpo feminino, afirmando que “a moda dispendiosa seria aquella para o qual o bello sexo vae marchando”. Segundo o articulista, tal tendência visaria intensificar os “reforços de seducção” do corpo, afastando-se da matriz referencial da feminilidade cristã, uma vez que as vestes contemporâneas seriam semelhantes à “moda usada pela mãe Eva”.³⁵ O recurso à figura bíblica evidencia como as associações simbólicas constituíam um expediente retórico recorrente nos discursos moralizantes, permitindo estabelecer paralelos entre comportamentos modernos e os pecados narrados nas Escrituras.

À medida em que as novas modas ampliavam a exposição do corpo feminino, os articulistas — muitas vezes autodenominados “homens de alma e sangue novo” — passaram a deplorar aquilo que classificavam como uma “degradação universal”, capaz de comprometer a “integridade social” e “espiritual” do povo católico. As chamadas “modas escandalosas”, segundo esses autores, faziam-se presentes em “cada passo e esquina”, provocando o homem “com indecência” e induzindo a mulher ao “desavergonhamento”,³⁶ em consonância com um suposto plano diabólico reiteradamente mencionado. Nota-se, ainda, a recorrente apropriação da narrativa bíblica presente na primeira epístola de Timóteo (2:13–14), na qual se afirma: “Não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher é que, enganada, ocasionou a transgressão”.

Essa crescente exposição do corpo feminino despertava inquietações quanto ao papel social dos maridos e pais, frequentemente acusados de passividade diante do avanço das “modas indecorosas”. Argumentava-se que a tolerância em relação às esposas poderia conduzir ao adultério, enquanto, no caso das filhas, representaria um afrouxamento da vigilância paterna, favorecendo relações consideradas ilícitas. Um articulista questionava: “Poderá uma esposa, uma filha contar em casa todos os galanteios, propostas, meias palavras que ouviu num passeio de meia hora?”.³⁷ Em alguns casos, a preocupação alcançava níveis extremos, legitimando o cerceamento da liberdade de ir e vir das mulheres que desfilavam com as chamadas “vestes do Satanaz”. Como afirma Aristides dos Reis e Silva: “Conheci um casal cuja esposa era proibida

³⁵ *A Palavra. Pernas Núas*. 13 de agosto de 1925. p.01

³⁶ *A Palavra. Porque reprovo as modas immodestas?* 12 de janeiro de 1923, p. 01.

³⁷ *A Palavra. Da actualidade*. 14 de março de 1926. p.01

de andar sem meias e usar vestidos decotados”. Na sequência, o autor interpela diretamente os familiares das jovens modernas:

Que estima e admiração póde merecer uma jovem desajuizada que, despudoramente, desnude as pernas, os seios, etc., aos olhares maliciosos do namorado ou noivo, ou de quem que seja? Evitem esses vehiculos de prostituição infernal.³⁸

Essa preocupação com o corpo feminino alinhava-se à concepção defendida pela Igreja que, conforme explica a teóloga alemã Uta Ranke-Heinemann, classificava as partes do corpo em “honrosas” (rosto, mãos e pés), “menos honrosas” (peito, costas, braços e coxas) e “desonrosas” (partes íntimas).³⁹ Tal classificação partia do pressuposto de que o corpo feminino exercia influência direta sobre a excitação do prazer sexual, estabelecendo uma relação simbólica com o pecado original atribuído a Eva na mitologia cristã. Nesse esquema interpretativo, o Diabo figurava como agente ativo da tentação, utilizando-se da moda como um de seus principais instrumentos para seduzir a mulher e, por seu intermédio, desviar também o homem do caminho da virtude. O corpo feminino era interpretado como vetor privilegiado da ação demoníaca, enquanto a moda assumia o papel de mediadora dessa exposição considerada pecaminosa. Nessa lógica, a regulamentação do vestuário ultrapassava o campo estético e assumia contornos de imperativo moral, no qual a contenção da feminilidade era vista como condição necessária para a preservação da ordem social e espiritual.

Essa centralidade atribuída ao corpo feminino como espaço privilegiado da tentação não pode ser compreendida de forma dissociada da lógica dualista que estrutura o pensamento cristão. Ao eleger o Diabo como agente permanente da corrupção moral, o discurso eclesiástico não apenas delimita os contornos do pecado, mas reforça a necessidade constante de vigilância, controle e disciplina dos corpos — sobretudo o feminino. Nesse processo, o medo da punição divina, da condenação eterna e da ação demoníaca operava como um dispositivo fundamental de regulação das condutas corporais, legitimando intervenções morais sobre gestos, vestimentas e comportamentos. A evocação reiterada do mal revela, assim, que a moral cristã se sustenta menos pela afirmação do bem do que pela permanente ameaça da condenação. É justamente

³⁸ *A Palavra*. A’s minhas filhas. 13 de novembro de 1924, p.01.

³⁹ RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres sexualidade e a Igreja Católica**. Rosa dos tempos, 1988, p.347.

essa relação de interdependência simbólica entre Deus e o Diabo que José Saramago problematiza em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Na obra, o autor estabelece um diálogo entre Deus e seu grande adversário, no qual o Diabo afirma:

Sem mim, Deus não passaria de um solitário apaixonado por si mesmo, um pobre coitado sem ninguém a quem mandar para o inferno, a quem condenar, a quem perdoar, se lhe desse na real gana, um coitado sem maldades a combater, sem tentações a vencer, sem demônios a expulsar do corpo dos possessos (...).⁴⁰

Nessa perspectiva literária, o autor apresenta um dualismo religioso no qual Deus e o Diabo dependem mutuamente, invertendo a concepção teológica tradicional ao sugerir que a existência do mal é fundamental para a sustentação do divino na mentalidade humana. Tal leitura evidencia como determinados discursos religiosos se apoiam na figura antagonista, mobilizando o medo do castigo e da condenação ao inferno como instrumento de controle moral. Nesse contexto, em que o mal se torna elemento estruturante da experiência religiosa, o caráter teleológico do cristianismo orienta as diretrizes da Igreja Católica em sua missão de salvação espiritual, ao pressupor uma existência terrena regulada por preceitos morais que garantiriam a aproximação com o divino e a salvação da alma.

Essa concepção do mal como regulador da conduta humana manifesta-se nos discursos e publicações religiosas, em especial nos textos do periódico analisado neste estudo. A figura do Diabo, amplamente presente no imaginário cristão, era instrumentalizada pela Igreja com o objetivo de conter o avanço das modas femininas e a ampliação da liberdade dos corpos. Por meio da retórica do medo,⁴¹ a Igreja projetava visões e referências sobre essas vestimentas, interpretando-as como manifestações demoníacas — forças responsáveis pela mácula corpórea, que resultaria na degeneração espiritual e abriria caminho para a condenação eterna. A partir desse projeto, gestado no campo da crença e transposto para a realidade social e política, compreendo que a Igreja buscava preservar sua estrutura de poder, mantendo o controle sobre a moralidade dos fiéis.

Essa conduta pode ser verificada na matéria intitulada "A Moda do Diabo". Nela, o autor aconselha, de forma irônica, as senhoras que fazem comunhão trajando roupas "indecentes" a

⁴⁰ SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.p.384.

⁴¹ GLASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. FRANCIS, São Paulo, SP, 2003.

comprarem no salão de modas "Sodoma e Gomorra", localizado na "rua da luxúria, esquina da perdição eterna".⁴² O articulista faz referência ao livro de Gênesis, capítulo 19, versículo 10, no qual se trata da aniquilação de duas cidades compreendidas como a morada da concupiscência, devassidão e da depravação. Na história bíblica, o próprio Deus “fez chover do céu fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra”, condenando à morte os habitantes que praticavam atividades sexuais consideradas pecaminosas, exortavam a luxúria e não dispunham de pudicícia aos moldes do Senhor. Ao mencionar essas cidades associadas à destruição por excessos pecaminosos, a publicação assume um caráter intimidatório, sugerindo que espaços de consumo da moda — como a loja *Paris na América* — não eram aceitáveis para mulheres cristãs e, frequentá-los, ocasionaria em punição divina.

A presença nos interstícios mentais dos fiéis, por meio de uma retórica intimidatória, foi um elemento central da atuação eclesiástica no período. Em artigo esclarecedor, Ipojucan Dias Campos analisa as estratégias discursivas empregadas pela Igreja em debates sobre casamento civil e divórcio em Belém, destacando a *cultura do medo* como mecanismo para infiltrar-se no psicológico coletivo. A partir da análise de uma brochura sobre o divórcio — tema de intensa controvérsia na época —, o historiador identifica a manipulação de sentimentos como culpa e arrependimento em matérias jornalísticas, concluindo que a Igreja buscava, dessa forma, preservar seu domínio sobre as práticas conjugais e sustentar a hegemonia católica no âmbito social e psicológico.⁴³

Do mesmo modo, Roger Chartier contribui para a compreensão desse fenômeno ao enfatizar o papel das representações na construção da realidade social.⁴⁴ As vestimentas, longe de serem apenas objetos materiais, eram investidas de significados morais e espirituais, convertendo-se em signos de virtude ou de pecado. Ao circular em periódicos religiosos, essas representações reforçavam modelos normativos de conduta, orientando práticas e percepções coletivas acerca do corpo, da feminilidade e da moral cristã.

É importante verificar também como as contribuições das análises de Jean Delumeau sobre o medo no Ocidente permitem compreender a centralidade da figura do Diabo como instrumento pedagógico e disciplinador. Segundo o autor, a difusão do medo do pecado, da condenação eterna e da ação demoníaca constituiu um elemento fundamental da cultura cristã,

⁴² *A Palavra. A Moda do Diabo*. 9 de junho de 1927. p 01.

⁴³ CAMPOS, Ipojucan Dias. A fabricação do medo: catolicismo, casamento civil e divórcio (Belém-PA, 1915). *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 35, 2019.

⁴⁴ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, v. 5, p. 173-191, 1991.

funcionando como mecanismo de regulação das consciências.⁴⁵ Nesse contexto, a associação entre moda, possessão e corrupção espiritual revela-se parte de uma pedagogia do medo que buscava garantir as ordens morais e sociais por meio da constante ameaça do mal.

Sob esse prisma, o periódico *A Palavra* e o seu conjunto de articulistas, foram bem sucedidos na produção do medo sobre as mulheres e homens, dando enfoque a condenação das almas que estes poderiam receber por utilizar ou contemplar as novas modas. Um exemplo paradigmático é o texto da seguinte matéria, que afirma:

A mulher deve entrar na casa de Deus coberta e com vestido afogado, porque a immodestia no vestuário, em toda parte sempre repreensível, offende a santidade do Templo, impede a aproximação da Mesa Eucarística, causa escandalo aos fieis e provoca terríveis castigos de Deus.⁴⁶

O texto traz informações significativas para compreender o discurso amedrontador veiculado no jornal, além de informar sobre o aspecto social dos sujeitos do período. Em primeiro momento, o texto menciona restrições para mulheres com roupas imodestas, isto é, a circulação destas no templo estaria vetada pelo código moral a ser seguido por todos, limitando a exposição dos corpos nos umbrais da casa de Deus. Outro aspecto singular é a proibição da participação em ritos religiosos, nesse caso, na aproximação da mesa da eucaristia, local de alta sacralidade para os católicos. Tais normas estavam em consonância com o Código de Direito Canônico de 1917, que prescrevia: “No lugar sagrado, as mulheres devem ter a cabeça coberta e vestir-se com trajes modestos e decentes, abstendo-se de roupas que exalem vaidade mundana”.⁴⁷

Ademais, o exceto revela um exemplo da instrumentalização do medo mobilizada pela Igreja Católica do período. Ao inferir que as moças modernas sofrerão “terríveis castigos de Deus”, o articulista crava, nos interstícios psíquicos dos leitores e leitoras, um sentimento de culpa pelo ato ímpio da nudez ou permissividade desta, por parte dos pais e maridos, e pavor pela punição severa empreendida por Deus, que não aceita a macula do solo sagrado. Nesse sentindo, como afirma André Henrique Rodrigues, a teologia do pavor que era elemento central das matérias, é sustentada pela ameaça constante da danação, fornecendo um terreno fértil para

⁴⁵ DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800: Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

⁴⁶ *A Palavra*. Aviso, 18 de fevereiro de 1926, p 01.

⁴⁷ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (1917). **Codex Luris Canonici**. Cânon 1262, §1. Promulgado por Bento XV. Disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em: 24 de agosto de 2025.

a constituição de um regime de subjetividade, que, nas palavras do autor, pode ser descrito como uma “patologia da submissão”.⁴⁸

As estratégias para coibir o avanço das modas era tamanha, que um articulista descreveu a conversa de uma mulher que foi “Victima da moda”. Por andar com roupas que mostravam em excesso seu corpo, a suposta mulher acabou contraindo um “resfriamento” e, percebendo sua eminente morte, convocou um padre para realizar a Extrema-unção. Nas palavras dela: “Desejava ardentemente receber a visita de v. revma. Tenho muita necessidade de perdão. Sou uma victima da moda diabólica”. Na sequência é narrado todo o processo, onde, ela reconhece seus “peccados” seu esquecimento dos ensinamentos de “Maria”, e seus receios de comparecer diante o “Tribunal de Deus”. Por fim, ela manda um recado:

Meus peccados foram publicos; quero, portanto, que o meu arrependimento se torne publico para ensinamento dos que me viram peccar! Rogo a v.rvma. dizer as minhas amigas e companheiras, a todas as moças; em toda parte que morro victma da moda indecente.⁴⁹

A coação teológica também possuía agentes em outras localidades do Pará, que escreviam e encaminhavam para a redação do periódico matérias onde o medo ecoava através das palavras. Exemplo de singular importância são os textos publicados por Manoel Buarque, da cidade de Altamira, que buscaram atentar para a santidade, a preservação da pureza e a condenação das roupas escandalosas. Ao falar sobre a moda, ele a sentenciava como um dos “gosos peccaminosos” que vem sendo desenvolvidos por “satanaz”, cujo objetivo é distanciar os humanos de Deus. Para ele, utilizar e apoiar tais indumentárias é rasgar o “trato de aliança que fizestes com Nosso Senhor, no dia do baptismo”, e sentenciava aquelas que contrariavam a matriz de pureza: “mancha o corpo e arruina a alma”.⁵⁰

Nos textos bíblicos, é possível identificar rituais destinados à expulsão de demônios dos corpos humanos.⁵¹ No campo da moda, a Igreja também ofereceu recursos simbólicos àquelas que buscavam o arrependimento por ações consideradas imorais, disponibilizando rituais de purificação com o objetivo de livrar os chamados “corpos possuídos” das influências do Diabo. Exemplo desta ação contra o mal está na oração atribuída ao Papa Pio XI, nos seguintes termos:

⁴⁸ RODRIGUES, André Henrique. **Medo, Pecado e Religião**: A “cultura do medo” no catolicismo romano. p.17. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/RODMPE>. Acesso: 19/10/2025.

⁴⁹ *A Palavra. Victima da Moda*. 11 de abril de 1926. p.01

⁵⁰ *A Palavra. Os Prazeres*. 22 de abril de 1923. p. 01.

⁵¹ Sabe-se que Deus concedeu a Cristo o dom de expulsar demônios, que, em seguida, transmitiu a seus apóstolos as instruções para também realizarem essa ação. Nos textos bíblicos, é possível encontrar referência a esses feitos em Mateus 10:1–8, Marcos 3:14–15 e Lucas 9:10–17.

Oh, Maria, Virgem Imaculada modelo de pureza revestinos do manto de santidade de que fala a Liturgia. Fazei que nós sejamos puras, saibamos resistir aos maús exemplos especialmente no que respeita ás modas e ás leituras.⁵²

Essa invocação da figura de Maria funcionava como um verdadeiro “exorcismo”, concebido como escudo contra as “perversões do espírito maligno” e limpeza do corpo e da alma que tivera contato com às vestimentas ímpias. Recitada cotidianamente, a oração convertia o espaço doméstico em uma extensão do sagrado, no qual a moda — simbolicamente personificada como força demoníaca — deveria ser mantida à distância. Ao equiparar trajes considerados imodestos a formas de possessão, a Igreja não apenas regulava os corpos femininos, mas também reafirmava seu poder sobre o imaginário coletivo. As orações, os sermões e as práticas de exclusão constituíam instrumentos de uma guerra simbólica invisível, travada não apenas nos templos, mas no íntimo da experiência espiritual feminina, reforçando os mecanismos de controles moral e social analisados ao longo deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, busquei interpretar como a Igreja Católica, entre 1922 e 1930, na cidade de Belém do Pará, utilizou a figura do Diabo para fazer-se presente na mente dos fiéis diante das transformações sociais — neste estudo, as novas modas femininas. A demonização das vestimentas revelou-se parte de uma lógica mais ampla de controle simbólico, na qual o mal operava como elemento estruturante da experiência religiosa. Nesse contexto, o medo da condenação eterna, da possessão e da corrupção espiritual funcionava como mecanismo de disciplinarização, induzindo a vigilância constante dos gestos, das aparências e dos comportamentos. As orações, os sermões e os rituais de purificação veiculados em *A Palavra* evidenciam como o discurso religioso produzia subjetividades pautadas pela culpa e pela contenção da feminilidade. A associação entre moda, pecado e ação demoníaca, recorrente no periódico, não se configurou como fenômeno isolado, mas como parte de uma estratégia discursiva voltada à manutenção da autoridade moral e do controle social. Ao eleger o corpo feminino como espaço privilegiado de intervenção, a Igreja reafirmou sua capacidade de regular não apenas práticas religiosas, mas também dimensões centrais da vida cotidiana.

⁵² *A Palavra. Contra a Immodestia*. 8 de janeiro de 1925. p.01.

Notadamente, os esforços empreendidos para afastar as mulheres cristãs dos costumes modernos não se mostraram plenamente exitosos. As matérias analisadas demonstram que, apesar das reiteradas advertências, elas continuaram a ser acusadas de “profanar igrejas” e de “commungar sacrilegamente com o diabo no corpo”,⁵³ expressões que revelam a persistência das práticas condenadas e, simultaneamente, a intensificação do discurso moralizador. Diante desse cenário, o Vaticano seguiu emitindo orientações com o objetivo de alertar as fiéis contra “as seducções e os erros do mundo”,⁵⁴ reforçando a centralidade do medo e da ameaça espiritual como recursos pedagógicos e disciplinares. Ao transformar a moda em signo do mal e a feminilidade em condição permanente de risco espiritual, conforme reiterado nas páginas de *A Palavra*, a Igreja ampliou seu poder de intervenção sobre comportamentos, sensibilidades e imaginários coletivos. Assim, o estudo evidencia que, mesmo diante das resistências e permanências das práticas femininas, os discursos religiosos continuaram a desempenhar papel decisivo na legitimação de estratégias de controle e na tentativa de preservação de uma ordem moral específica frente às transformações da modernidade.

⁵³ *A Palavra. A Moda do Diabo*. 9 de junho de 1927. p 01.

⁵⁴ PIO XI, Carta Encíclica. *Casti connubi*. 1930.

REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil. MARCÍLIO, Maria L. **Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil**. SP: Edições Loyola, 1993.
- BRAGA, João; PRADO, Luís André do. **História da moda no Brasil**: das influências às autorreferências. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.
- CAMPOS, Ipojucan Dias. A fabricação do medo: catolicismo, casamento civil e divórcio (Belém-PA, 1915). **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 35, 2019.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**: 1300-1800 uma cidade citiada. Tradução: Maria Lúcia Machado, - São Paulo: Cia das letras, 1989. p.317.
- FERNANDES, José Lucas Cordeiro. As marionetes do diabo: as representações de satã no corpo na Idade Moderna. XIII Encontro Estadual de História do Ceará, 2012. Sobral. **Anais do XIII Encontro Estadual de História do Ceará**, 2012. v. 1. p. 1-12.
- GOUDINHO, Liliane. **A Palavra que vivifica e salva contra a o mal da palavra que mata**: imprensa católica- Belém (1910-1930). PUC/São Paulo 2014.
- GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. FRANCIS, São Paulo, SP, 2003.
- HAGE, Fernando. Vestuário e história pelas ruas de Belém. **dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 6, n. 13, p. 94-102, 2013
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: A moda e seu desafio nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LUSTOSA, Oscar Figueiredo. **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Edições Loyola/CEPEHIB, 1983.

MARTINS JUNIOR, R. J. M. **Visto, logo existo:** moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX. Belém, PA. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. p.69.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão.** 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.52.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. Paris N'América: migração da moda em Belém do Pará. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 16, n. 2, p.396-417, jul. /dez. 2020.

PAIVA, Luiz Henrique Rodrigues. **Possessão e Exorcismo:** os múltiplos aspectos de um fenômeno. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica do Pernambuco, Recife, 2015.p, 92.

PAULUK, Luiz Ricardo; BALLÃO, Cléa Maria. Considerações sobre o medo na História e na Psicanálise. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 31, n. 2, p. 60-66, maio/ago. 2019.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres sexualidade e a Igreja Católica.** Rosa dos tempos, 1988, p.347.

RIBEIRO, Silvana M. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. In: IV Congresso Português de Sociologia, 4, 2000. Coimbra-Portugal. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000. p.03.

RODRIGUES, Ana Maria Moog. “Introdução”. In: **A Igreja na República.** Brasília: UnB: Câmara dos Deputados, 1981.p.06.

RODRIGUES, André Henrique. **Medo, Pecado e Religião:** A “cultura do medo” no catolicismo romano. p.17. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/RODMPE>. Acesso: 19/10/2025.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.p.384.

SILVA, Diocleciana Paula da. **Do recato à moda:** Moral e transgressão na Fortaleza dos anos 1920. 2004. 242f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2004, p.61.